



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	<p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-476-4 DOI 10.22533/at.ed.764191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO SUPERIOR E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS REFLEXIVOS	
Diego Bechi	
DOI 10.22533/at.ed.7641910071	
CAPÍTULO 2	17
A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE SOCIAL DO ENSINO	
Liamara Baruffi	
DOI 10.22533/at.ed.7641910072	
CAPÍTULO 3	27
A MATERIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA REPRESENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Luiz Carlos Lückmann	
DOI 10.22533/at.ed.7641910073	
CAPÍTULO 4	39
CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA DIGITAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA EDUCATIVA EM SANTARÉM-PARÁ	
Adriane Panduro Gama	
Tânia Suely Azevedo Brasileiro	
DOI 10.22533/at.ed.7641910074	
CAPÍTULO 5	56
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA	
Patrícia Aparecida da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7641910075	
CAPÍTULO 6	64
DESIGN EDUCACIONAL NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA CURSOS ONLINE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Edilene Cândido da Silva	
Juliana Teixeira da Câmara Reis	
Raiane dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7641910076	
CAPÍTULO 7	72
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DOCENTE: ANALISANDO O PROJETO VISITANDO A BIOLOGIA DA UEPG	
Fernanda Mendes Ferreira	
Fernanda Verônica Fleck Pereira	
José Fabiano Costa Justus	
DOI 10.22533/at.ed.7641910077	

CAPÍTULO 8	83
FORMAÇÃO DE GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS: UMA ANÁLISE NO ÂMBITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	
Eridan Rodrigues Maia	
Aída Maria da Silva	
Marcia Betania de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7641910078	
CAPÍTULO 9	99
FORMAÇÃO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO EDUCATIVO: COMPREENSÕES DOS PROFESSORES DE LIBRAS	
Graciele Alice Carvalho Adriano	
Ana Clarisse Alencar Barbosa	
Mônica Maria Baruffi	
Patrícia Cesário Pereira Official	
DOI 10.22533/at.ed.7641910079	
CAPÍTULO 10	110
FORMAÇÃO EM CONTEXTO COMO ESTRATÉGIA DE MELHORIA DA OFERTA EDUCATIVA EM EDUCAÇÃO INFANTIL	
Rosemeri Henn	
Marlene da Rocha Migueis	
DOI 10.22533/at.ed.76419100710	
CAPÍTULO 11	122
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CORPO, CULTURA DE MOVIMENTO E JOGOS INDÍGENAS	
Camila Ursulla Batista Carlos	
Glycia Melo de Oliveira	
Moaldecir Freire Domingos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.76419100711	
CAPÍTULO 12	132
LETRAMENTO PARA O TRÂNSITO: EVENTOS E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE CONDUTORES DE VEÍCULOS	
Klébia Ribeiro da Costa	
Ana Maria de Oliveira Paz	
DOI 10.22533/at.ed.76419100712	
CAPÍTULO 13	144
NAS RUAS E NAS DELEGACIAS O MUNDO É OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DO POLICIAL CIVIL	
Elton Basílio de Souza	
José Geraldo Pedrosa	
DOI 10.22533/at.ed.76419100713	

CAPÍTULO 14	156
O IMPACTO DO PIBID NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFPB	
Bruna Tavares Pimentel Heytor de Queiroz Marques Raphaella Ferreira Mendes Weverson Bezerra Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76419100714	
CAPÍTULO 15	166
O PAPEL DO TRABALHO EM GRUPO NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DO PENSAMENTO: UMA ABORDAGEM PIAGETIANA	
Rosenei Cella Rosana Cristina Kohls Ivana Aparecida Weissbach Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.76419100715	
CAPÍTULO 16	172
POLÍTICAS PÚBLICAS E A LEGISLAÇÃO: RECORTE VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E A FORMAÇÃO DOCENTE	
Luciane Helena Mendes de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.76419100716	
CAPÍTULO 17	184
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO FAZER PEDAGÓGICO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES	
Giovanna Rodrigues Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.76419100717	
CAPÍTULO 18	195
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO MATEMÁTICA DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mateus De Souza Coelho Filho Evandro Luiz Ghedin	
DOI 10.22533/at.ed.76419100718	
CAPÍTULO 19	211
TRABALHO E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Jacir Mario Tedesco Filho Matilde Dias Martins Pupo Sandra Terezinha Urbanetz Simone Urnauer	
DOI 10.22533/at.ed.76419100719	
CAPÍTULO 20	216
CEALE: SIGNIFICADOS APRESENTADOS POR DOCENTES ALFABETIZADORES	
Bernarda Elane Madureira Lopes Cristiana Fonseca de Castro Elisa Carneiro Santos de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.76419100720	

CAPÍTULO 21	229
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS	
Andréa Cristina Maggi	
Ivo de Jesus Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.76419100721	
CAPÍTULO 22	243
IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE UM GRUPO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA E O CONCEITO DE FUNÇÃO DOCENTE FORMATIVA: NARRATIVA DE MEMÓRIA	
Fernando Lucas Oliveira Figueiredo	
Santuza Amorim da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76419100722	
CAPÍTULO 23	258
VISÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR E FORMADOR ANTE A PROPOSTA DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DOCÊNCIA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL	
Marta Rosa Borin	
Neida Maria Camponogara de Freitas	
Heliana de Moraes Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76419100723	
CAPÍTULO 24	269
CUIDAR E EDUCAR:UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DE CUIDADORES EM INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO	
Bianca Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.76419100724	
CAPÍTULO 25	278
ME FORMANDO PROFESSORA: MAGISTÉRIO, PEDAGOGIA E O PIBID	
Pamela Fonseca Costa	
DOI 10.22533/at.ed.76419100725	
CAPÍTULO 26	284
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Malcus Cassiano Kuhn	
Michele Roos Marchesan	
Naiara Dal Molin	
Helena Miranda da Silva Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.76419100726	
CAPÍTULO 27	295
O ENSINO DA MATEMÁTICA NO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: UMA ANÁLISE DO CADERNO DE APRESENTAÇÃO	
Suellen Cristina Marciano	
Daniela Paula da Silva Mariano	
Roberta Negrão de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.76419100727	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	307

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA

Patrícia Aparecida da Cunha

Universidade de Uberaba (Uniube), Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica
Uberlândia – Minas Gerais

RESUMO: O presente texto coloca em discussão a prática pedagógica do professor orientador de estagiários em Licenciaturas da EaD, considerando, para tanto, críticas acerca da qualidade dessa modalidade de ensino. Foram tomadas como ponto de partida teorias relacionadas à EaD e à formação de professores a distância, sendo o estudo motivado por experiências e observações durante os estágios supervisionados em Matemática e em Pedagogia, e discussões durante aulas do Mestrado Profissional em Educação. Buscou contribuir para a reflexão e (re) construção dessa prática pedagógica, para consequente melhoria na formação dos futuros professores, visando ao desenvolvimento de competências para ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância (EaD). Estágio. Prática pedagógica.

ABSTRACT: This paper puts in discussion the pedagogical practice of the teacher trainee bachelor's counselors in Distance Education (DE) courses. For that, we consider criticisms

about the quality of this type of teaching. We based our study on theories related to DE and to the distance teachers training. This survey was motivated by our observation during Supervised internships in Mathematics and Education courses as well discussions during Education Professional Mastership. We aimed to contribute to reflection and (re)construction of this pedagogical practice in order to get the consequent improvement of future teachers and develop teaching competences.

KEYWORDS: Distance Education (DE). Internship. Pedagogical Practice.

1 | INTRODUÇÃO

Em tempos de transformações tecnológicas, em que a informação e o conhecimento propagam-se velozmente, novas exigências são postas à sociedade e acarretam urgentes demandas para todos os setores e, em especial, para o educacional. Souza (1996) já atentava para a inevitabilidade de a Educação desenvolver modelos que visassem a atingir as necessidades básicas de aprendizagem de um maior número de pessoas com qualidade e eficiência:

No limiar do terceiro milênio, os países estão vivendo momentos dramáticos em relação as suas

possibilidades de oferecer Educação de qualidade para sua população e a aprendizagem independente será a grande estratégia da Educação. Daqui para frente muitos aprenderão através de cursos por correspondências, muitos serão os que aprenderão através de computador, e as teleconferências serão um veículo excelente para trazer os melhores especialistas do mundo a sala de aula. Outros recursos surgirão e serão utilizados para mediatizar tecnologicamente a Educação. (SOUSA, 1996, p. 9)

Nesse contexto, a Educação a distância evidenciava formas de contemplar essas novas exigências do processo ensino/aprendizagem, como também de trabalho, frente a um mundo globalizado e competitivo.

A tecnologia sempre forneceu aportes à Educação quaisquer que fossem as formas ou modalidades de ensino. Segundo Masetto (2008, p. 152) quem mais se apropriou desses recursos foi e é a Educação a distância, que utilizou a tecnologia como um meio de expansão e melhoria dessa modalidade de ensino em todo o mundo, inclusive no Brasil e, em especial, nos Cursos de Licenciatura: “Essas novas tecnologias [...] cooperam também, e principalmente, para o processo de aprendizagem a distância (virtual), uma vez que foram criadas para atendimento desta nova necessidade e modalidade de ensino.”

Um dos objetivos dos cursos de Licenciatura, presenciais ou a distância, é permitir que seus alunos apliquem, por meio do estágio supervisionado, os conhecimentos acadêmicos, transformando-os em experiências, possibilitando a formação de professores com autonomia e que trabalhem de uma forma dinâmica e completa.

Dentro desse contexto, como estariam os professores orientadores de estagiários contribuindo para a formação destes profissionais já “rotulados” em virtude da opção por essa modalidade de ensino?

O objetivo deste trabalho é apresentar os desafios para a realização do estágio supervisionado para estudantes dos cursos da EaD, de forma a abrir um campo de discussão e reflexão da prática pedagógica do professor orientador daqueles estagiários, com vistas a contribuir para o repensar dessa prática e a consequente melhoria na formação dos futuros professores, com o desenvolvimento de competências para ensinar.

2 | A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO AUXÍLIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores a distância começou no final da década de 1970, em países da Europa, como Alemanha, Espanha e Inglaterra, com a criação de Universidades públicas, voltadas ao atendimento de estudantes trabalhadores, a baixo custo. No Brasil, por intervenção governamental justificada, à época, pela necessidade de ampliação das ofertas educacionais para formação mínima para o mundo do trabalho, algumas iniciativas foram desenvolvidas, entretanto sem êxito e com grande resistência.

Desde a década dos anos 1970 assistimos às tentativas de organização de experiências em EAD, sem que isto viesse a se consolidar na criação de um sistema de ensino baseado nesta modalidade. Estas experiências tiveram em seu início uma intervenção governamental acentuada, trazendo componentes ideológicos necessários a manutenção do regime militar brasileiro que ocupava naquele momento o poder de estado (ALONSO, 2003, p. 2).

No fim da década de 1980 e início dos anos 1990, com a disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e sua aplicação no processo educacional, houve grande avanço da EaD brasileira. Em virtude dos projetos de informatização e da difusão das línguas estrangeiras, no início do século XXI, já se registrava, no Brasil, grande número de cursos que ofereciam formas de autoaprendizagem por meio de instruções programadas para microcomputadores, vídeos e fitas K-7. Com o avanço da tecnologia, a Educação a distância evoluiu, a metodologia foi aprimorada e, com os atuais recursos tecnológicos (*tablets, smartphones* etc.), cursos podem ser “baixados” sem grandes investimentos em tecnologia por parte das instituições de ensino, o que possibilitou o acesso à informação e — por que não dizer? — à Educação, a todas as camadas da população.

Essa “popularização” recente da Educação a distância, em especial das Licenciaturas, dentro de uma perspectiva inclusiva, contribuiu para facilitar o acesso à Educação Superior por aquelas pessoas de regiões cujas oportunidades educacionais não são abundantes. Dessa forma, é fundamental, prioritário e urgente para a formação de professores, nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas em geral, o conhecimento e uso das TIC's, como afirma Maria Luiza Belloni (2006):

A perspectiva de formação de professores exige esta reflexão sobre como integrar as TIC's à Educação como caminho para pensar como formar os professores enquanto futuros usuários ativos e críticos bem como os professores conceptores de materiais para a aprendizagem aberta e a distância (BELLONI, 2006, p.77)

O que difere a Educação presencial da Educação a distância é, em síntese, a maneira de socialização do conhecimento historicamente construído. Entretanto, a Educação a distância tem seus prós e seus contras. Algumas vantagens são a otimização do tempo, conveniência e comodidade pela possibilidade de poder estudar em qualquer lugar, conciliar os estudos ao trabalho; acessibilidade para quem não tem meios de se deslocar a um campus com frequência; economia para alunos e instituições de ensino haja vista redução dos custos, tanto com instalações físicas, funcionário etc.; alcance da Educação em regiões onde a oferta de cursos superiores é baixa ou até mesmo inexistente; contato dos alunos com as tecnologias da informação durante toda a formação acadêmica; promoção, no acadêmico, do desenvolvimento de autonomia para os estudos, uma vez que lhe fornece os subsídios para a aprendizagem, mas também o instiga a pesquisar e buscar sempre mais conhecimentos.

As desvantagens são relativas, pois, por exemplo, a autonomia, considerando o fato da obtenção de bons resultados depender apenas dos alunos, pode ser um ganho, mas também pode representar uma desvantagem. Os alunos se deixam

enganar pela flexibilidade de horário que essa modalidade de ensino oferece, não se dedicam o quanto deveriam, o que acarreta uma grande evasão nos cursos EaD. A interação entre professor e alunos, o espírito de turmas e a troca de ideias são também fundamentais para a formação do graduando, sendo a baixa socialização um desafio para as instituições que ofertam cursos EaD. Entretanto, em se tratando de Licenciaturas, programas como o Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – ou o próprio Estágio Supervisionado – componente curricular obrigatório – permitem que os futuros professores contemplem esses momentos em sua formação. Nos demais cursos, há o contato virtual em tempo integral nas plataformas das universidades, o que ameniza o “problema”.

Apesar da expansão, “popularização” e dinâmica metodologia, a Educação a distância ainda é vista, de modo geral, com desconfiança, preconceito e associada, muitas vezes, à baixa qualidade de ensino, o que pode estar relacionado, também, ao desconhecimento dessa modalidade, que não perde em nada para a presencial.

Diante da ampliação e “facilidade” no acesso à informação, cabe à escola, na pessoa do professor, o papel de orientar os alunos sobre a forma de utilizar essas informações para que se transformem em conhecimento. Conforme Demo (2007, p. 11), “[...] professor é quem, estando mais adiantado no processo de aprendizagem e dispondo de conhecimentos e práticas sempre renovados sobre aprendizagem, é capaz de cuidar da aprendizagem na sociedade[...]”. Entretanto, a maior parte dos professores atuantes hoje na Educação não contou com o uso de recursos tecnológicos para sua formação, dessa forma, é natural que, mesmo com vasta experiência educacional, possuam resistência e, de certa forma, até mesmo preconceito com relação à modalidade EaD. Assim,

[...] para poder formar uma inteligência própria, capaz de criar projetos relevantes e de qualidade em suas salas de aulas, o professor precisa ter passado pelo processo de aprender dentro de uma sala de aula virtual, usando todas as tecnologias disponíveis nesse espaço. Nos cursos a distância, a postura, os recursos, a forma de estudar são muito diferentes do que normalmente se encontra nos cursos presenciais. Para que os professores possam compreender adequadamente as dificuldades e facilidades de seus alunos online, eles precisam, com certeza, ter sentido “na pele” como é este processo, o que ele cobra e o que ele oferece para aqueles que por ele passam (BRANCO, 2003. p. 426).

A dificuldade em aliar tecnologia à Educação na escola reflete-se nas atitudes dos professores como orientadores de estágios supervisionados. A tarefa de aceitar que as Tecnologias de Informação e Comunicação auxiliem de fato o ensino e a produção do conhecimento, não é fácil e requer capacitação.

O que é imperativo, atualmente, não é somente aprender, mas aprender a aprender. Nesse contexto, é necessário que a relação pedagógica seja elaborada com base metodológica e planejamento para cada modalidade de ensino, principalmente em se tratando de Licenciaturas, que são a base para a construção de quaisquer outras profissões. Segundo Vasconcellos (2002, p. 153), “[...] O professor não faz

mais o que fazia por saber que é errado, mas também não faz o novo por não saber como[...]”.

3 | O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ESTAGIÁRIO DA EAD

Estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB (9.394/96), o estágio supervisionado é componente curricular obrigatório nas Licenciaturas e possui duas formas principais: a observação e a regência. A primeira é o momento de familiarização com o ambiente escolar; já a segunda é o momento em que o futuro professor ministra aulas sob a supervisão de professor formado, dentro dos limites do projeto pedagógico da escola e de acordo com o planejamento curricular do professor orientador.

Momento comum na formação de alunos de ambas as modalidades de ensino – presencial ou a distância – o estágio supervisionado na Licenciatura é um momento ímpar da formação acadêmica, pois oportuniza confrontar teoria e prática, bem como perceber os limites entre elas. É da interação com os profissionais, de poder vivenciar a rotina do cotidiano escolar, que se efetiva essa formação. Segundo Fávero (1992, p.65), “Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma.”

Se, para estudantes oriundos de cursos de Licenciatura da modalidade de ensino presencial, o estágio já é um momento delicado de sua formação acadêmica, haja vista que nem sempre é possível a realização da regência devido à falta de espaço nos calendários escolares ou de programação para tal, para o estagiário advindo da Educação a distância a questão ainda esbarra, muitas vezes, no preconceito.

O estágio deve ser considerado ato educativo escolar, entretanto, em se tratando de estagiário de Licenciaturas da EaD, cuja qualidade da formação é questionada e sua capacidade subestimada, a maioria das escolas que o recebem, consideram esse momento como uma forma de utilizar mão de obra barata, atribuindo a ele atividades muitas vezes repetitivas e monótonas, que pouco ou nada agrega ao processo educativo desse futuro profissional. A ele são propostos serviços administrativos, de secretaria, correções de avaliações, em raras vezes, atribuída a função de acompanhar aulas de reforço, plantões de dúvidas ou aulas de recuperação. Quando coagido a reger aulas sem o acompanhamento presencial de um professor formado, sua capacidade para tal ainda é duramente criticada.

Tal prática adotada por professores, além de descaracterizar o processo de estágio, revela o descompromisso da instituição com a própria Educação e a má formação também daquele professor orientador.

4 | RELATO DE EXPERIÊNCIAS E OBSERVAÇÕES DURANTE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIOS EM LICENCIATURAS

De 2000 a 2002, quando da realização dos estágios supervisionados do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, do curso presencial de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, o acompanhamento dos professores em sala de aula era quase que constante. Tanto na primeira etapa, que tinha por objetivo a análise reflexiva da prática, por meio de observação em salas de aula, quanto na segunda, que correspondia às ações de regência, os professores de Matemática das turmas faziam-se presentes.

Já durante os estágios supervisionados do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ocorridos do segundo semestre de 2007 ao segundo semestre de 2008, do curso de Licenciatura em Matemática; e do Ensino Fundamental I, ocorridos durante todo o período letivo do ano de 2014, do curso Licenciatura em Pedagogia, ambos da EaD da Universidade de Uberaba, a história foi diferente: na escola, as aulas ocorreram, em sua maior parte, sem o acompanhamento do professor regente, fato que frustra qualquer estagiário, por não fazer parte de sua formação, naquele momento, a troca de conhecimento e experiências com os aqueles profissionais.

Em agosto de 2016, a questão voltou à tona, agora no Curso de Mestrado em Educação, em uma aula do componente “Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Básica”, na Universidade de Uberaba – UNIUBE. Durante discussão com um colega de turma, professor atuante na Educação, ele relatou achar absurdo que um de seus estagiários de Matemática da EaD pedisse o gabarito das questões, quando solicitado que ficasse em sala de aula sozinho com os alunos, em virtude da necessidade de ausência desse professor. O colega questionou a conduta daquele estudante, colocando “em xeque” sua formação acadêmica, mas não se atentando para sua prática como também formador de professor, como orientador daquele estagiário. Esse fato é preocupante até mesmo em virtude da contradição que apresenta, pois se o estagiário advindo da EaD já é “rotulado” como incapaz, como pode ser ele abandonado à sua própria sorte em sala de aula por quem o deveria acompanhar?

O trabalho do estagiário deve ser sempre supervisionado e orientado pelo professor. Os comportamentos e atitudes do professor nos momentos de estágio podem influenciar tanto na forma de o estagiário agir como nos saberes e sentidos que ele elabora sobre suas experiências.

Anos se passaram e as práticas em sala de aula, relacionadas aos estagiários da EaD continuam as mesmas. Como realizar as mudanças necessárias na Educação, se compactuamos com as mesmas atitudes em sala de aula, ano após ano, justamente em um momento tão importante e imprescindível na formação do professor? Desconhecimento, despreparo ou preconceito levam a atitudes assim? São inúmeras as questões a serem respondidas que nos remetem à reflexão sobre nossa prática pedagógica.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço tecnológico e sua contribuição para a Educação é desafiador e, ao mesmo tempo, preocupante. Apesar de inúmeros esforços, notamos que a teoria amplamente difundida não tem conseguido agregar muito à prática pedagógica, não tem conseguido chegar à escola, uma vez que essa perdeu sua intencionalidade: o ensino. As grandes questões da EaD são, praticamente, as mesmas das questões gerais da Educação e, no tocante ao estágio supervisionado, observações, discussões e experiências têm comprovado isso.

A democratização do acesso à Educação Superior, sobretudo a partir da modalidade EaD, contribuiu para auxiliar a formação teórica, principalmente dos estudantes de Licenciaturas, mas, em se tratando de formação de professores, a prática não depende da instituição formadora. Temos professores com conhecimento a ser compartilhado e alunos estagiários sem acesso a esse conhecimento, em virtude de preconceito ou até do desconhecimento ou do despreparo desses professores. A socialização do saber e das práticas é fundamental para a formação dos futuros professores, portanto, faz-se necessária uma drástica mudança de atitudes dentro do ambiente escolar, no momento do estágio supervisionado, sobretudo, a transformação das práticas em sala de aula.

A forma pela qual a instituição de ensino utiliza o estágio supervisionado e a forma pela qual o professor orientador de estágio acolhe o estagiário em sala de aula é o melhor termômetro do real compromisso deles com a Educação. É necessário um trabalho reflexivo de (re)construção permanente de identidades pessoais dos professores, um resgate das intencionalidades do docente, pois é a mudança pessoal, a mudança de atitude, que leva à transformação profissional. A atuação de um professor em sala de aula é o reflexo de sua concepção de mundo e de Educação.

O presente texto procurou contribuir para a reflexão da prática pedagógica do professor orientador de estágios supervisionados, para a consequente melhoria na formação dos futuros professores com o desenvolvimento de competências para ensinar, enfatizando a necessidade do acompanhamento integral do estagiário, sobretudo no momento da regência. Escolas e Universidades/Faculdades são parceiras e devem evitar que fatos como os relatados ocorram. Ser orientador de estágio é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento da qualidade das atividades de docência, dos relacionamentos interpessoais, da atenção às necessidades do futuro professor, buscando garantir que os cursos de Licenciatura sejam capazes de formar não somente profissionais, mas acima de tudo, pessoas críticas e conscientes.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Kátia Morosov. **Educação a Distância no Brasil: a busca de identidade**. Disponível em: <http://www.nead.ufmt.br/index.php/producao_bibliografica/categoria/3>. Acesso em: 22 set. 2016.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BRANCO, Adylles Castello. A portaria n.º 2.253/2001 no Contexto da Evolução da Educação a Distância nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. In: **Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DEMO, Pedro. **Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FÁVERO, Maria Lourdes de Albuquerque. Universidade Estágio Curricular, subsídios para discussão. In ALVES, Nilda (org). **Formação de professores pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Eda Coutinho B. Machado De. Panorama internacional da Educação a Distância. **Em aberto**. Brasília, ano 16, nº70, p.9-16, Abr./Jun. 1996.

MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: ____ Novas tecnologias e mediação pedagógica. 14º ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. Cap. 3, p.133-173.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Aula expositiva: ainda existe espaço para ela?** São Paulo: Libertad, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-476-4

